

**PKS**

**PUBLIC  
KNOWLEDGE  
PROJECT**

**REVISTA DE GEOGRAFIA  
(UFPE)**

[www.ufpe.br/revistageografia](http://www.ufpe.br/revistageografia)

**OJS**

**OPEN  
JOURNAL  
SYSTEMS**

## **JUVENTUDE E REFORMA AGRÁRIA: HIERARQUIAS, PARTICIPAÇÃO E ENGAJAMENTO**

*Maíra Martins<sup>1</sup>*

*1 - Socióloga e Mestre em Ciências Sociais em Desenvolvimento agricultura e sociedade CPDA/ UFRRJ.  
Assessora do Programa de Direito a Alimentação da ActionAid Brasil. [mairamts@gmail.com](mailto:mairamts@gmail.com)*

*Artigo recebido em 05/12/2010 e aceito em 09/02/2011*

### **RESUMO**

O objetivo da pesquisa foi investigar como o processo social e político de reforma agrária foi vivenciado pela juventude em um assentamento rural em fase de instalação. A juventude rural é um tema recente de pesquisas no Brasil, porém a questão da inserção da juventude em contextos de assentamentos rurais é ainda um tema pouco pesquisado. Com o propósito de promover a interseção desses dois campos de pesquisa, foi realizado o estudo de caso sobre a juventude no Assentamento Rural Paz na Terra, na Região Norte Fluminense (RJ). A partir da observação do cotidiano das famílias assentadas, foram identificados quem eram os jovens por meio das representações sociais acerca dos mesmos e das esferas de sociabilidade em que transitavam no assentamento. Constatou-se que o lugar da juventude estava marcado pelas relações de hierarquia entre as gerações e pela reprodução dos tradicionais papéis de gênero. A pesquisa identificou o pouco envolvimento dos jovens com o projeto de assentamento e a dificuldade de projeção futura em relação ao mesmo. Para eles, o sentido do assentamento, além de constituir-se um projeto de vida de seus pais, estava atrelado à ambigüidade das representações sociais sobre o campo, a cidade e as favelas.

**Palavras-chave:** juventude, juventude rural, assentamento rural.

## **YOUTH AND AGRARIAN REFORM: HIERARCHIES, PARTICIPATION AND ENGAGEMENT**

### **ABSTRACT**

The objective of this research was to investigate how the social and political process of land reform was experienced by the youth in a rural settlement in installation phase. Recently, the rural youth has become a research theme in Brazil; however, the role of the youth in rural settlement contexts is not well understood. Aiming for the intersection of these two fields of research, was performed a case study with the youth in the rural settlement Paz na Terra, located in the northern area of the Estate of Rio de Janeiro. From the observation of families' everyday life, the study has identified those who were seen as young people, through social representations and the corresponding spheres of sociability. It was verified that the youth's position is characterized by hierarchy relationships between generations and by traditional gender papers reproduction. The research identified little involvement of the youth with the establishment project and its difficulties in making plans about it. For them, the settlement meaning, in addition to constituting a project of their parents' life, is related to the ambiguity of social representations about country, cities and slums.

**Keywords:** youth, rural youth, rural settlement.

O artigo é fruto da pesquisa de dissertação de mestrado cujo objetivo foi investigar como os jovens vivenciavam o processo social e político de reforma agrária, a partir do cotidiano de um assentamento rural em fase de instalação. Com esse propósito, procurei perceber como os jovens representavam o universo em questão e identificar o seu lugar no assentamento.

A pesquisa de campo, realizada em 2007 e 2008, foi realizada no Assentamento Rural Paz na Terra, situado no município de Cardoso Moreira, Região Norte Fluminense (RJ, Brasil). Parti do entendimento de que os assentamentos rurais podem ser entendidos como novas unidades de produção agrícola, criadas por meio de políticas governamentais que visam ao reordenamento do uso da terra em benefício de trabalhadores rurais sem terra ou com pouca terra (BERGAMASSO; NORDER, 1996:7). Considerei, também, o assentamento rural como um “objeto de estudo particular” (PALMEIRA; LEITE, 1998:139) porque, além de envolver um projeto de desenvolvimento promovido pelo estado, é fruto de investimento coletivo e de mobilização em busca da terra. Uma das questões da pesquisa foi compreender por que as pessoas se engajavam nos acampamentos e assentamentos e, em que medida isso contribuía, ou não, para mudanças de valores, posturas e visões de

mundo. Interessava-me perceber as dimensões subjetivas do processo de reforma agrária e, para tal, optei por um recorte na juventude.

Vale dizer que a própria noção de juventude como objeto de pesquisa tem se destacado devido ao intenso debate conceitual, teórico e político acerca da mesma. Ao mesmo tempo em que a categoria juventude está associada à dimensão biológica representada por idades e fases de desenvolvimento do indivíduo, também está imbricada aos padrões culturais que marcam essas fases, como etapas do ciclo de vida e processos de socialização (DURSTON, 1998). O significado social da categoria juventude tem variado ao longo do tempo e dos contextos, pois a consciência e o sentimento em torno das idades da vida transformam-se segundo a percepção social sobre a família e a sociedade (ARIÉS, 1981). A juventude como fenômeno social e histórico teria assumido relevância na constituição da modernidade e da representação social sobre a mesma. Essa noção moderna de juventude, entretanto, parece ter se “cristalizado” na separação entre os “seres adultos” e os “seres em formação” (PERALVA, 1997). A juventude corresponderia, então, a uma fase complicada da vida – uma etapa de socialização marcada pelo descompasso

entre as capacidades físicas de produção e reprodução, e a maturidade emocional para realizá-las.

A perspectiva citada acima é, aliás, a que predomina na forma como a juventude vem sendo tematizada e abordada socialmente no Brasil. Embora o tema tenha adquirido maior visibilidade, ainda existiria muita dificuldade para ir além da consideração da juventude como “problema social” (ABRAMO, 1997) e para olhar os jovens na sua condição de sujeitos. Algumas das visões e representações sobre os jovens já foram criticadas, também, por não incluírem a juventude de setores populares, mais considerada pelo referencial funcionalista do “desvio” e da “marginalidade inerente” à fase juvenil.

Uma das críticas mais incisivas à percepção social e às construções sociológicas que delimitam atributos inerentes aos jovens partiu de Bourdieu (1983). Para este, as fronteiras entre juventude e velhice são sempre objetos de disputa em todas as sociedades – o que definiria a juventude não seriam atributos específicos, mas as relações de dominação e de hierarquia que estruturam as posições sociais. Assim, a juventude estaria desprovida de conteúdo se abordada separadamente das relações sociais na qual é significativa. Ao ter como pressuposto

que toda classificação é uma imposição de limites e de um ordenamento social, Bourdieu reforçou a perspectiva analítica relacional sobre a categoria juventude.

As perspectivas mencionadas buscam, de certa forma, desconstruir a categoria juventude, demonstrando como ela é socialmente representada e contribuindo para percebermos em que medida as diferentes visões sobre os jovens demarcam seus lugares sociais, a maneira como estão situados na família e na sociedade. No caso dos “jovens rurais”, podemos entender que compartilham valores e uma cultura comum ao momento histórico em que vivem, situados na sociedade por sua condição juvenil. Porém, há uma especificidade que é vivenciar a mobilidade, espacial e simbólica, entre universos rurais e urbanos, expressada tanto na dinâmica cotidiana, como nas identidades e formulações de seus projetos de vida (WANDERLEY, 2005).

O tema da juventude rural é bastante recente nas pesquisas no Brasil (WEISHEIMER, 2005), com maior concentração de trabalhos na última década. Contudo, tem sido também recente no debate público e político, pois temos presenciado a consolidação da categoria juventude rural como ator social e político nos movimentos sociais e como sujeito de direitos, público-alvo de políticas públicas.

Nesse sentido, compreender o processo de assentamento em fase de instalação a partir da perspectiva da juventude situa-se na interseção de dois campos de pesquisa em consolidação: os estudos sobre os acampamentos e assentamentos em formação e o campo de estudos sobre a juventude rural.

O Assentamento Paz na Terra havia sido criado em 2005, em uma antiga fazenda produtora de cana-de-açúcar para as usinas da região norte fluminense do estado do Rio de Janeiro, e encontrava-se em fase de instalação, à espera do parcelamento dos lotes, com os assentados ainda vivendo nos barracos de lona. Apesar de formalmente assentadas, o momento de espera do parcelamento dos lotes consistia em uma situação singular, conferindo marcante ambigüidade a essa passagem do acampamento para o assentamento e às percepções sociais dessa situação.

Esse momento de acampamento tem sido entendido por diferentes autores como um ritual de passagem em que as pessoas vivem outras formas de sociabilidade (CHAVES, 2005; SIGAUD, 2006), mudança de valores e construção de identidades políticas (FERNANDES, 1996). Já o assentamento é compreendido como um processo de mudança que envolve o “desenraizamento” e o “enraizamento” em uma nova condição social (NEVES, 1997). Questionando, em

parte, esses entendimentos, busquei verificar no Assentamento Paz na Terra quais seriam as mudanças na vida e nas expectativas das famílias e dos jovens, e como todo esse processo era representado por eles. A partir dessa situação questionei como os jovens estariam reagindo a esse novo contexto – levando em consideração que grande parte deles nunca havia morado no meio rural. Como eles viam essa mudança e a perspectiva de moradia no assentamento?

Assim, para compreender o sentido do processo de assentamento rural para os jovens, parti da análise das estratégias de reprodução social das famílias de Paz na Terra (BOURDIEU, 1994) e dos sistemas de valores e práticas nas quais estavam inscritas, entendidos como um *habitus* das classes populares.

## MATERIAL E MÉTODOS

No desenvolvimento da pesquisa foram utilizados diferentes métodos e fontes, dentre revisão bibliográfica acerca do tema juventude rural, análise de documentos institucionais, documentos do MST, relatórios sobre o assentamento e do censo realizado de sua população. Por meio de visitas mensais ao assentamento, com duração de dez dias, entre os meses de julho e novembro do ano de 2007, e um retorno em fevereiro de 2008, realizei as

minhas observações de campo que incluíram 30 entrevistas semi-estruturadas, sendo destas 17 entrevistas com representantes das famílias, dez entrevistas com os jovens, duas com dirigentes do MST e uma com a professora da Escola Vermelha.

A opção da pesquisa foi identificar a juventude a partir do trabalho de campo, sem definições prévias de faixa etária ou de outra ordem, mas pelo cruzamento das identificações de quem era considerado jovem e de quem se considerava jovem. Nesse sentido, foi relevante também perceber a juventude a partir das formas de sociabilidade (SIMMEL, 1983) e da convivência do grupo de pares (BRANDÃO, 1995). Os jovens andavam juntos, estudavam no mesmo colégio, realizavam atividades comuns, tais como jogar fliperama, jogar bola, tomar banho de rio, andar a cavalo, caçar passarinhos, brincar, namorar, “ficar”.

Desse modo, ao longo do trabalho de campo, identifiquei no assentamento 38 “jovens” com idades entre 14 e 30 anos – 15 moças e 23 rapazes. A categoria “jovem” foi se delineando aos poucos, desde os primeiros contatos com o campo. Inicialmente, como o assentamento estava passando por problemas internos, procurei saber se minha visita seria oportuna e uma liderança respondeu-me que “se eu ficasse esperando as coisas se acalmarem” nunca

conseguiria fazer meu trabalho, e que “os jovens vivem o mundinho deles e não têm nada a ver com as confusões dos adultos” – uma fala que, por si só, já diz muito sobre o lugar do jovem no assentamento.

## DISCUSSÃO

O Assentamento Paz na Terra resultou de um longo período de “luta pela terra”, entre despejos e ocupações, iniciado em 11 de abril de 2003, a partir de um *acampamento* no terreno público atrás do Hospital Geral de Guarus, organizado pelo MST, em Campos dos Goytacazes. Em 28 de abril de 2003, um pouco mais de um mês depois de instalado o acampamento atrás do hospital, onde haviam sido reunidas cerca de 200 *famílias*<sup>1</sup>, foi realizada a primeira *ocupação* de terra, na Fazenda Abadia, em Campos. Porém, em poucos dias, foi expedida uma ordem de despejo e, aproximadamente, 150 famílias seguiram para outra fazenda, a Almada Maruí, na localidade de Caixeta, em Campos. Nessa área também foram incorporadas ao grupo novas famílias da região. No dia 9 agosto de 2003, 90 famílias ocuparam a Fazenda Vermelha, à beira da Rodovia Campos–Itaperuna (BR–356), no município de Cardoso Moreira,

---

<sup>1</sup> Essa estimativa consta nos relatórios sobre o assentamento bem como nas reportagens da época, nos quais a unidade de referência é a família (COOPERATIVA ESTRUTURAR, 2006).

local em que hoje está situado o Assentamento Rural Paz na Terra.

Como foi possível perceber em alguns dos relatos e trajetórias de assentados, a população de Paz na Terra foi constituída por diferentes processos de ingresso que podemos dividir em três grupos. O maior grupo, que ainda constitui a maior parte da população de Paz na Terra, é o dos assentados que acamparam atrás do Hospital Geral de Guarus e residiam em bairros pobres ou favelas da cidade de Campos e localidades do entorno. Outra parcela é composta pelos moradores da Fazenda Vermelha, com 12 famílias. E o último grupo a ingressar no assentamento, formado por aqueles despejados dos outros acampamentos, com dez famílias.

Apesar de os entrevistados enfatizarem a sua origem rural no interior das fazendas de cana-de-açúcar da região, segundo o levantamento populacional realizado pela equipe de assessoria técnica da Cooperativa Estruturar<sup>2</sup>, grande parte da

---

<sup>2</sup> O levantamento socioeconômico foi realizado no segundo semestre do ano de 2006 para a elaboração do Plano de Desenvolvimento do Assentamento Paz na Terra (PDA). O PDA é o instrumento de planejamento do Projeto de Assentamento, compreendendo todas as fases do processo, iniciando-se com a instalação das famílias, na área do assentamento, suas participações efetivas e capacitação para construção e elaboração desse Plano, até a completa emancipação e sustentabilidade do Projeto de Assentamento,

população (68,75%) afirmou residir em área urbana nos últimos cinco anos antes de ingressar no acampamento. No que se refere à ocupação profissional dos assentados, há muitas semelhanças entre os diferentes grupos que compuseram Paz na Terra. De uma forma geral, a inserção profissional na lavoura canavieira é marcante na população da Região Norte Fluminense.

Assim, a “volta ao campo”, a partir da entrada nos assentamentos, não significava necessariamente um processo de *recampesinação*, mas um movimento marcado por essa dualidade. Os assentados da reforma agrária, em muitos casos, ao adotar múltiplas formas de obtenção de renda, reproduzem-se como “rurbanos”, ou seja, aqueles que portariam uma face camponesa e ao mesmo tempo operária (MENEZES, 1991). Embora eu tenha identificado que muitos assentados de Paz na Terra viveram a infância em fazendas da Região Norte Fluminense, seus filhos cresceram em bairros pobres de Campos dos Goytacazes e arredores, como jovens “urbanos” que foram para o campo, e grande parte nunca havia tido contato com

---

obtidos com o progresso sócio-econômico e cultural das famílias assentadas, medidos através de indicadores, quando comparado ao estágio atual dessas famílias com o diagnóstico efetuado na fase inicial do Projeto.

o meio rural antes da entrada no assentamento.

#### *Os jovens na formação do assentamento*

O início do Acampamento Paz na Terra foi um momento de grande efervescência das ações do MST no Rio de Janeiro, cuja estratégia consistia em ampliar a sua base, criando novos acampamentos e assentamentos, e aumentando o número de militantes no estado. Segundo Geraldo (30 anos), militante do MST, Paz na Terra havia sido um acampamento muito “organizado”, de onde foram projetados muitos militantes para a organização.

Contudo, enquanto os militantes que coordenaram o processo das ocupações eram todos, como Geraldo, jovens acampados e assentados na região, os militantes formados a partir de Paz na Terra já não tinham esse perfil, tratando-se, em maioria, de pessoas *mais velhas* e que tinham família.<sup>3</sup> Na leitura de Geraldo, o fato de serem pessoas mais velhas que despontavam como lideranças implicava em alguns limites ao movimento, porque diante das dificuldades financeiras estes tinham que se ausentar das tarefas militantes para atender às demandas imediatas de sua família. Nessa lógica, a

juventude seria aquela que, por ter menor “peso familiar” e “menos responsabilidades”, teria mais disponibilidade para assumir tarefas e participar de cursos de formação política do MST.

Embora houvesse um número expressivo de jovens no início do Acampamento Paz na Terra, sobretudo por este ser próximo ao Centro da cidade Campos, eles não foram inseridos na estrutura organizativa do acampamento, nos *setores* e *núcleos*, que são as instâncias do modelo de organização dos acampamentos do MST:

**Geraldo** – Como ele (o assentamento) era próximo ao Centro, isso atraía a juventude e por isso havia um número muito grande de jovens. Mas nesse período não houve uma atenção nossa para organizar essa juventude. Na nossa lógica, na nossa ideologia, todos deveriam participar dessas instâncias, do núcleo, da coordenação e tal. E a juventude tinha sua participação quando esse espaço era aberto, e ele assumia tarefas também. Não houve uma atenção maior para a organização da juventude.

Segundo Geraldo, no momento em que foi organizado o Acampamento Paz na Terra, não havia uma preocupação especial em criar espaços e instâncias para os jovens. No estado do Rio de Janeiro, até então, não havia uma orientação para os militantes atuarem com a juventude. Esta se deu a partir do ano de 2006 quando foi instituído

<sup>3</sup> Geraldo caracterizou como “jovens” os militantes da Região Norte Fluminense que coordenaram o processo de ocupações de Paz na Terra, cujas idades encontravam-se, na época, entre 18 e 25 anos.

nacionalmente um espaço para os jovens no MST<sup>4</sup>.

Em Paz na Terra, os militantes tomaram a família como unidade sobre a qual organizavam os acampamentos. A única distinção consistia em determinar que as coordenações fossem compostas por um homem e uma mulher, política que busca garantir a paridade da participação feminina nos processos decisórios. Na fala de Geraldo, um elemento interessante é sua afirmação de que os jovens assumiam as tarefas quando “esse espaço era aberto”. O que significava ser aberto? Quais eram as restrições?

**Geraldo** – A tendência era que nos núcleos, por causa dessa cultura de latifúndio da região, cultura machista, cultura do coronelismo, muito machista, muito preconceituosa e muito conservadora, né. Então, era muito difícil, no núcleo, as famílias indicarem um jovem para fazer, para poder assumir a tarefa. Eles eram olhados como quem não tinha capacidade, não tinham potencial, não tinham responsabilidade para assumir as tarefas. E aí, juntava ao processo de degradação que eles já vinham. E essa cultura conservadora que vem impregnada

no nosso time... Então era difícil abrir espaço para a juventude assumir tarefas.

Para ele, os principais limites à participação da juventude relacionavam-se à cultura conservadora da região de Campos e ao perfil “degradado” daquela juventude, que não transparecia confiança. O perfil “degradado” dos jovens, para Geraldo, era fruto da ausência de emprego e educação na região, das condições precárias de vida de muitos assentados, em sua maioria, oriundos de favelas e bairros periféricos da cidade de Campos.

Nas conversas com os assentados, “os jovens” apareciam associados, principalmente, à idéia de “transgressão”. Os “jovens” e “as crianças”, na fala dos adultos, eram aqueles que “não tinham educação”, “faziam muita bagunça”, faziam “coisas que não deviam” como roubar manga, tomar banho dentro da cisterna, ver as mulheres pela fresta dos barracos, usar drogas, roubar e “ensinar aos mais novos”. Juventude não era, a princípio, uma questão importante para o assentamento na fala das lideranças que, ao apontar as questões mais relevantes, se referiam a aspectos relacionados à implantação do assentamento e à infraestrutura.

Desse modo, a constatação da falta de credibilidade da juventude, por parte dos mais velhos, era reveladora das representações construídas acerca dos

---

<sup>4</sup> No Estado do Rio de Janeiro, o coletivo de juventude ainda estava em formação. No período em que foi realizada a pesquisa (ao longo do ano de 2007), Iasmim, jovem de Paz na Terra, era coordenadora estadual do setor de cultura e assumiu a tarefa de organizar esse coletivo de juventude nas regionais do estado.

jovens. Essas representações relacionavam à juventude a idéia de transgressão e problema, e ainda, sob os olhares dos outros, por seu desinteresse e distanciamento em relação às questões coletivas, sugerindo à pesquisadora que a desqualificação dos jovens era uma expressão das divisões de poderes entre gerações (BOURDIEU, 1983; CASTRO, 2005).

### **HIERARQUIAS, PARTICIPAÇÃO E ENGAJAMENTO**

Nos meus primeiros contatos com o Assentamento Paz na Terra e a partir das falas dos militantes, parecia haver um potencial de organização da juventude por meio de grupos: capoeira, *hip hop*, produção agrícola, dentre outros <sup>5</sup>. Mas, logo nas primeiras idas a campo e ao conversar com algumas das pessoas que participaram dessas iniciativas, percebi que os grupos que existiram foram aos

---

<sup>5</sup> Em um relatório fruto da oficina realizada com as famílias de Paz na Terra, para discutir as propostas de projeto de assentamento, há uma descrição dos sonhos e projetos dos jovens relativos ao assentamento. Segundo os documentos, os sonhos dos jovens relacionavam-se a projetos de geração de renda com a formação de grupo de produção, artesanato, mas também a grupos de teatro, *hip hop* e dança. Dessas propostas, as que foram executadas em Paz na Terra não tiveram êxito, como o grupo de produção.

poucos se dissolvendo. De fato, a maneira como a dimensão política estava presente no cotidiano dos jovens de Paz na Terra relacionava-se mais à dinâmica das atividades externas realizadas pelo MST, como o Encontro dos *Sem Terrinha*, do que à sua inserção nas esferas organizativas. Apesar de terem expressão numérica em Paz na Terra, os jovens não tinham espaços de inserção nas instâncias organizativas, o que já era percebido na época do acampamento.

No caso dos jovens de Paz na Terra, a maioria nunca esteve inserida em qualquer espaço de representação política formal no assentamento. Seus pais eram os que freqüentavam as reuniões e os responsáveis pela tomada de decisões. Roberto (22 anos), filho de assentados de Paz na Terra, por exemplo, não se preocupava muito com o que acontecia em Paz na Terra:

**Roberto** –Eu sei que Antonio e minha mãe se preocupam com isso, então, eu não vou me preocupar, já tem os dois, não é? Aí, eu fico mais por fora.

**Máira** – Eles estão mais envolvidos nas coisas que acontecem?

**Roberto** – É nas coisas que acontecem eles estão mais envolvidos, em reunião são eles que comparecem; eu só vou à reunião simplesmente quando não tem ninguém em casa, quando não tem ninguém em casa, aí... mas se tiver alguém em casa eu

não vou, são sempre eles mesmo. Digamos que, no momento, eu sou "quebra-galho". Os únicos jovens que participavam de reuniões e assumiram lugares de coordenadores dentro do assentamento foram aqueles que ingressaram sozinhos no acampamento. Iasmim (24 anos) era coordenadora de seu núcleo no assentamento e, em 2006, havia se tornado coordenadora estadual do Setor de Cultura do MST, com a responsabilidade de organizar um coletivo de juventude no estado. Ela ingressou em Paz na Terra porque tinha interesse em conhecer o MST. A mãe de Iasmim havia acompanhado o processo de mobilização e as reuniões da *frente massa* na associação de moradores do bairro Novo Jockey, em Campos. Mas Iasmim soube do dia da ocupação atrás do hospital e foi para o acampamento por iniciativa própria, sem que seus pais soubessem. Nessa época, Iasmim tinha 18 anos e, até então, nunca havia deixado a casa dos pais. Logo realizou cursos de formação e tornou-se militante do MST.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Os cursos de formação política são referidos pelos jovens como espaços que marcaram a sua entrada no *movimento*, mas pode-se dizer que, desde sua integração ao acampamento, uma gama de saberes e conduta vai sendo apreendida, resultando na inserção em instâncias decisórias, em coordenações do movimento e na sua consolidação como referência e liderança dentro da área de

O próprio processo de se tornar militante e a atuação no assentamento não deixava de ser conflituoso e envolver frustrações por parte dos jovens, como foi o caso de Bruno (28 anos), outro jovem que ingressou sozinho no acampamento. Ele fez um curso de militantes do MST, no Pontal do Paranapanema, e voltou do curso muito animado para atuar em Paz na Terra. Ele conta que "já trabalhou muito pelo movimento", foi coordenador-geral do assentamento, mas desistiu de ser militante, frente à dificuldade de lidar com as pessoas:

**Bruno** – Mas o povo é meio esquisito, por que quanto mais eu fazia bem mais eles me criticavam, jogavam pedra... Então quanto mais eu corria atrás, fazendo ação para eles e aqui para nós, eles já falavam: "Não, mas ele está fazendo isso à toa?" Aí, saía o comentário: "Ah, ele está levando algum por fora, não sei o quê, não sei o que lá..." Cara, isso me chateava muito, e eu fazia de coração...

O fato de os jovens que estavam requerendo um lote para si terem se inserido nas esferas políticas do assentamento parecia estar associado à sua

---

assentamento. Os cursos têm em grande medida o intuito de formar o militante para atuar no seu assentamento ou acampamento, coordenar setores, dentro e fora das áreas de reforma agrária, com atuação a nível regional ou estadual.

condição mais “livre” da autoridade paterna e do controle das relações familiares, mas, ainda, a uma maior disposição dos mesmos para envolverem-se no assentamento. Isso não evitava, por outro lado, que estivessem igualmente submetidos às críticas, à desconfiança e ao questionamento acerca da sua eficiência como liderança, como foi o caso de Bruno. O limite de uma inserção mais ativa dos jovens na organização dos assentamentos tem sido mencionado tanto na bibliografia acadêmica como nas falas das lideranças. Embora os jovens tenham conquistado maior visibilidade nos movimentos sociais do campo, que passaram a inserir a juventude e suas especificidades dentro de sua organização, as lideranças, especialmente do MST, admitem a dificuldade do movimento social de interferir na dinâmica interna dos assentamentos, principalmente no que diz respeito à participação dos jovens. Apesar de nos processos de reforma agrária muitos jovens engajaram-se em movimentos sociais, no interior dos assentamentos a situação é bastante diferente, outros autores também identificam a tendência de os jovens perderem muito o espaço de participação, devido às relações de autoridade e à desqualificação da juventude nas questões relativas ao desenvolvimento do lote familiar (CASTRO, 2005; LOERA, 2006).

### *O lugar do assentamento na vida dos jovens*

Ao buscar compreender o lugar que o assentamento tem para suas vidas percebi que as diferenças em termos de ingresso dos jovens no assentamento eram aspectos importantes, e que traziam também a questão do dilema *ficar ou sair* do meio rural (CASTRO, 2005). É comum nos contextos de reforma agrária que nem todos os membros das famílias, sobretudo os filhos, ingressem nos acampamentos e ocupações de terra, em um primeiro momento. Depois que as famílias se estabelecem no assentamento (ou mesmo na época do acampamento) muitos pais trazem os filhos. A maioria dos jovens de Paz na Terra não participou de todo o processo de assentamento, e somente ingressou no assentamento por conta do desejo e do projeto de vida de seus pais.

Desta maneira, em razão do vínculo com a família e da condição de dependentes, para muitos jovens a ida para o assentamento (ou acampamento) consistiu em uma mudança imposta em suas vidas, ao terem que em algum momento acompanhar os familiares. Especialmente no caso dos jovens, a rejeição ao assentamento e a falta de perspectivas futuras era muito presente, o assentamento seria “o fim do mundo” e atributos ora valorizados pelos adultos e outros jovens como tranquilidade e

segurança são lidos como monotonia e “falta do que fazer”, como na fala da jovem Mariana (16 anos):

**Mariana** –. Calmo é isso aqui, porque isso aqui que não tem nada, não é? Isso aqui pode se considerar que é calmo, porque aqui dentro não tem nada. Ó, você olha em todo canto é mato, muito mato, você só vê verde e barraco, é isso tudo! Você não vê nada aqui!

O desejo de “ir embora”, “sair dali”, foi recorrente entre as jovens. A sua “invisibilidade” era fruto de uma sociabilidade restrita, circunscrita ao espaço doméstico e eventos religiosos, estendia-se também aos espaços de participação no assentamento e atividades “militantes”. A rejeição ao assentamento estava associada não apenas a comparação com a cidade e outros atrativos, que colocava o assentamento como lugar “feio” ou “calmo demais”, mas também ao controle exercido sobre as jovens e a falta de perspectivas das mesmas.

Cabe ressaltar que para os filhos dos “moradores” da fazenda Vermelha a “chegada dos sem terra”, bem como a decisão dos pais em serem assentados, foi entendida também como uma mudança imposta em suas vidas. Porém, não percebi diferenças significativas entre a maneira como os filhos de moradores da fazenda e os filhos de acampados projetavam suas vidas no assentamento. De certa forma, a

origem rural ou urbana das famílias dos jovens não se apresentou como uma determinante nas formulações e representações dos mesmos a respeito do assentamento e suas expectativas de vida em relação ao mesmo.

Identifiquei também outro grupo de jovens, rapazes, para os quais a ida para o assentamento consistiu na melhor opção dentro do campo de possibilidades que lhes estava colocado. Esse é o caso do jovem Roberto (22anos) que, após seus pais irem para o acampamento, passou a visitá-los, constituir redes de amizades com outros jovens, até decidir mudar para o acampamento. A decisão de morar em Paz na Terra esteve, em grande medida, relacionada à sua localização, próximo à BR-356 e à cidade de Campos, e à maior disponibilidade de transporte público:

**Roberto** - Então eu disse: “Então vou morar com a mãe, lá no acampamento mesmo, que de lá eu vou estudar, eu vou trabalhar, e lá tem ônibus até as 11 horas para mim... eu posso estudar tranquilo; essa foi a causa da minha vinda aqui; então eu vim ali para o “Gato Preto” ali, mas para morar fixamente mesmo foi ali embaixo ali, no ... eu vim ali “Gato Preto” só fazer visitas, voltava e tal, ia e voltava; mas para morar de verdade foi aqui embaixo, ali perto do campo.

A expressão “morar fixamente”, ou “de verdade”, além de marcar a sua decisão de

ficar em Paz na Terra, refere-se também à trajetória desses jovens, marcada por circulação e mobilidade entre a casa de parentes, áreas rurais e urbanas. Nesse sentido, as experiências em bairros violentos e favelas eram referidas por alguns jovens como motivo para gostarem mais de Paz na Terra. O “acampamento” era representado por *roça* ou *interior* por ser um lugar tranquilo e seguro, como na percepção de Guilherme (20 anos) sobre o assentamento:

**Maíra**– No acampamento você gostava?

**Guilherme** – Oh! Gosto ainda. Já acostumei.

**M** – Do que você mais gosta daqui?

**G** – Aqui é quieto, um lugar tipo assim... Em Campos é mais perigoso, passa na rua, sujeito arranca com o carro, pode te confundir com alguém, querer te matar.

No entanto, percebi que, apenas os jovens que ingressaram sozinhos em Paz na Terra e requeriam o lote para si, possuíam lugar diferenciado no assentamento, em relação aos outros jovens. Para estes o assentamento passou a ocupar importante lugar em suas vidas, diferentemente dos demais jovens que acompanharam os pais, esses jovens possuem também um compromisso político e ideológico com o assentamento e com a “luta”. Para o jovem Bernardo, apesar de nunca ter tido experiência com atividades agrícolas antes, ter conhecido o MST o fez conquistar

outra “consciência” e o estimulou voltar a estudar, ter novas perspectivas de vida, relacionadas ao lote e à agricultura. Iasmim também planejava trabalhar com a produção agropecuária e levar seus pais para morar com ela no lote. No seu caso, embora sua motivação inicial fosse apenas conhecer o MST, aos poucos se interessou em ser assentada.

Um dado que chamou muito atenção durante o trabalho de campo foi certa ausência de perspectivas, especialmente das moças, tanto em relação ao assentamento, como a sua própria vida e seu futuro. A surpresa em encontrar jovens que não “projetavam” suas vidas, me fez questionar o próprio referencial de “projeto” (VELHO, 1994) com os quais constantemente temos visto os jovens sem, entretanto, situá-los nos contextos familiares, a partir dos recortes de gênero, dentre outros.

O barraco no assentamento ou a casa no lote em um futuro próximo consistiam numa opção de moradia, conforme a dinâmica, rural – urbana, de cada jovem e sua família em relação ao trabalho, estudo, ou outros interesses. Para muitos jovens o assentamento talvez seja apenas mais um lugar de “passagem”, ou mesmo um lugar de moradia da família, em razão da transitoriedade de sua situação e da incerteza quanto ao futuro. Para alguns poucos jovens, o assentamento se colocava

como um lugar em que planejavam suas vidas. Mas, de uma forma geral, os jovens em Paz na Terra não elaboravam muitas expectativas acerca de seu futuro, seja no assentamento ou fora dele. A maioria dos jovens não parecia vislumbrar muitos caminhos abertos, a serem percorridos.

## CONCLUSÃO

A pesquisa abordou a maneira como a juventude estava inserida no Assentamento Paz na Terra e o lugar do assentamento para os jovens. No processo de formação do Assentamento Paz na Terra e nas discussões acerca da implantação do mesmo, os jovens não tinham lugar nem voz, exceto aqueles que ingressaram sozinhos e que não estavam sob o controle da autoridade paterna. Identifiquei que não havia uma preocupação especial ou permanente com os jovens, seja por parte dos técnicos encarregados da implantação do assentamento, das lideranças do assentamento ou do MST. Ou seja, não havia um movimento para envolver a juventude no projeto de reforma agrária de maneira que lhe despertasse o interesse em permanecer no meio rural.

Percebi que o principal “lugar” da juventude no assentamento era o lugar de filhos. Entre as diferentes percepções sobre os jovens predominava, para os adultos, uma imagem da juventude como uma fase

problemática da vida, de sujeitos em formação que precisam ser orientados, vigiados e controlados. Esse lugar dos jovens estava marcado pelas relações de hierarquia entre as gerações, pela reprodução dos tradicionais papéis de gênero e pela dificuldade de serem reconhecidos como sujeitos, o que também tem sido verificado em tantos outros contextos rurais.

Para os jovens, a ida para o assentamento produziu mudanças nas suas vidas, bem como novas experiências. Para alguns, novos laços pessoais e afetivos foram construídos ao longo do processo de acampamento e assentamento, tendo havido, inclusive, a formação de novos núcleos familiares. Para um grupo restrito, o engajamento militante se aliou a novos compromissos com o assentamento e com a agricultura, como titulares dos lotes.

Embora os jovens rurais – entendidos como aqueles que moram no campo – têm assumido, recentemente, maior visibilidade e reconhecimento de sua especificidade na sociedade brasileira, no interior dos assentamentos eles ainda estão bastante invisíveis. A dificuldade de diálogo entre os projetos de reforma agrária e a juventude - seja por parte dos pais, dos movimentos sociais ou dos agentes governamentais - chama a atenção para a ausência de instrumentos para

atender as demandas dos jovens e inseri-  
los no processo de assentamento.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena. “Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil”. In: PERALVA, A. e SPOSITO, M. (org.), **Juventude e Contemporaneidade** – Revista Brasileira de Educação, n.5/6, São Paulo: ANPED, 1997.

ARIES, Philippe. **História social da criança e da família**. São Paulo: Zahar, 1981

BERGAMASSO, Sonia Maria e NORDER, Luiz Antonio. **O que são os assentamentos rurais**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BOURDIEU, Pierre. “Juventude é apenas uma palavra”. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. “Stratégies de reproduction et modes de domination”. In: **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n. 105, déc. 1994. p.1-12.

BRANDÃO, Carlos R. **A partilha da Vida**. São Paulo: Cabral, 1995

CARNEIRO, Maria José. “O ideal rururbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais.” In: **Mundo Rural e Política**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

CASTRO, Elisa Guaraná. **Entre ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural**. Tese (Doutorado em antropologia social) Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2005

CHAVES, Christine. **A Marcha Nacional dos Sem-Terra: estudo de um ritual político**. Rio de Janeiro, Relume & Dumará. 2000.

DURSTON, John. **Juventud Rural en Brasil y México. Reduciendo la invisibilidad**. CEPAL, 1998.

ESTRUTURAR COOPERATIVA. **Plano de Exploração anual do P. A. Paz na Terra**. 2006

FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST. Formação e territorialização**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

LOERA, Nashieli. **A espiral das ocupações de terra**. São Paulo: Polis; Campinas, SP: CERES, UNICAMP. 2006.

MACEDO, Marcelo Hernandez. “**Zé Pureza**”. **Etnografia de um acampamento norte fluminense**. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2003.

MARTINS, Maíra. **Juventude e reforma agrária: o caso do Assentamento Rural Paz na Terra, RJ**. 142p. Dissertação (Mestrado de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 2008.

MENEZES, Heloísa R. G. de. **Reforma agrária e identidade social na Baixada Fluminense: uma nova correlação rural-urbana**. 1991. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento agricultura e sociedade). Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

NEVES, Delma Peçanha. **Assentamento rural: reforma agrária em migalhas**. Coleção Antropologia e Ciência Política – 4. Niterói: Ed.UFF, 1997.

PALMEIRA, Moacir e LEITE, Sérgio. “Debates Econômicos, processos sociais e lutas políticas” In: COSTA, Luiz Flávio e SANTOS, Raimundo (orgs). **Política e Reforma Agrária**. Rio de Janeiro: Maud, 1998

PERALVA, Angelina. “O jovem como modelo cultural.” In: PERALVA, A. e SPOSITO, M. (org.), **Juventude e Contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação**, n.5/6, São Paulo: ANPED, 1997.

SALES, Celecina de Maria V. **Criações coletivas da juventude no campo político. Um olhar sobre os assentamentos rurais do MST**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2006.

SIGAUD, Lygia; L’ESTOILE, Benoit (orgs). **Ocupações de terra e transformações sociais. Rio de Janeiro**: Ed.FGV, 2006.

SIMMEL, George. “Especial: individualidade, interação, tipo social”. In: FILHO, Evaristo de Moraes (org.). **George Simmel: Sociologia**. São Paulo: Ática. 1983

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose. Antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

WANDERLEY, Maria N. **Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro**. Relatório final de pesquisa CNPQ, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, maio de 2006.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais: mapa de estudos recentes**. Brasília: MDA/ NEAD. 2005